

# REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA

Ano I

ABRIL, 1939

N.º 2

## GERATRIZES MEMORÁVEIS DA GEOGRAFIA DO BRASIL

### ACHÉGAS PARA UM RETROSPECTO CARTOGRÁFICO

pelo *Cel. Jaguaribe de Matos*

*Consultor Técnico do Diretório Regional do Conselho  
Nacional de Geografia no Estado de Mato Grosso*

#### Introdução

“A Geografia começa e acaba pela carta geográfica. A primeira idéia geral e positiva de uma região qualquer é expressa por um croquis; vêm depois as descrições que podem tomar grandes proporções e se entremear de desenhos mais ou menos perfeitos, plantas topográficas, cartas etc. Quando porém a região está totalmente estudada, do ponto de vista topográfico, nos vários setores da História Natural, e da Etnografia, em sua feição econômica, estatística, político-social, enfim, quando todos os aspectos dignos de menção podem ser nítida e sinteticamente expressos em gráficos, plantas e mapas, pode dizer-se então, praticamente, que a cartografia absorveu a geografia.” (1)

(Em outros termos: todas as aquisições essenciais do domínio da Geografia podem ser representadas graficamente).

Vem isso a molde para dizer-se que o estudo das cartas antigas e o da História e da Geografia em seus variados aspectos científicos, constituem, para cada país, “*etapes*” indispensáveis para a consecução do objetivo máximo, que todos almejam: — a confecção de cartas geográficas exatas.

O Brasil, tendo herdado uma larga tradição geográfica, que se afirmou no século da sua descoberta, no ciclo das bandeiras (século XVII) e no das tentativas para realização de tratados de limites (século XVIII), — época áurea da sua geografia colonial, tendo registado notáveis explorações no século XIX e explorações que, pelos sacrifícios dos penetradores e pelos êxitos obtidos, devem figurar entre as mais gloriosas de quantas se efetuaram no orbe terráqueo no século XX (Comissão Rondon), — continua sendo um dos países mais atrasados do globo quanto à sua representação cartográfica, pois que, possui ainda sertões conhecidos, porém geograficamente inexplorados, e contém,

(1) Coronel Jaguaribe de Matos — Guia do Candidato à Escola do Estado Maior — *Geografia do Brasil* — Estado Maior do Exército — Rio de Janeiro — Fasc. I (1938), pag. 17.

além disso, — se excluirmos as zonas polares, — as mais vastas regiões nunca penetradas por civilizados, dentre todas que ainda assim subsistem no planeta Terra.

Vem isto:

- 1.º — da sua imensa superfície territorial e diminuta população relativa;
- 2.º — do pequeno capital até agora realizado ou fixado no país;
- 3.º — da descontinuidade com que tem sido atacado o problema geográfico brasileiro;
- 4.º — do açodamento com que o país tenta generalizar métodos e processos de levantamento adotados pelas nações mais avançadas da Europa, esquecido de que o caso delas é o de uma revisão de cartas e o nosso é o do levantamento, quasi sempre primário, de um país de estreita faixa civilizada e de imensa zona tipo colonial, a civilizar e a descobrir.

## I — PERÍODO COLONIAL

Pode dizer-se que a primeira exploração geográfica realizada no Brasil, segundo registo histórico explícito, foi a que resultou da inspeção de 10 léguas da costa, feita de S. para N. pela frota de Cabral, dois dias após o descobrimento da suposta ilha de Vera Cruz (em 24 de Abril de 1500 — calendário Juliano) distendendo-se desde o 2.º ancoradouro da frota, em ponto da costa fronteiro ao “Monte Pascoal”, até à entrada da Baía de Pôrto Seguro. Pouco depois, no dia 27, o bacharel em artes e medicina, fisico e cirurgião do Rei, Mestre Johanes Faras, que Frazão de Vasconcelos mostra ser alemão (2), desce à terra munido de seu astrolábio e tomando a altura meridiana do sol em companhia de outros pilotos, encontra 17º para latitude do lugar, isto sem correção da paralaxe nem da refração e sem redução ao centro do astro, como agora se pratica.

Esse valor difere (por excesso) de pouco mais ou menos meio grau da latitude obtida, pelos processos modernos, com instrumentos aperfeiçoados. Mestre João, narrando o descobrimento, esclarece o soberano em carta começada a 28 de Abril e terminada a 1.º de Maio, nestes termos:

*“quanto Senor al sytyo desta terra mande vossa alteza traer um napamundi que tyene pero vaaz bisagudo e por ay podra ver vossa alteza el sytyo desta terra, en pero aqual napamundi não certifica esta terra ser habytada o no: es napamundi antiguo e ally hallara vossa alteza escrita tanbyen la mina”... (3)*

Este Pero Vaz Bisagudo é o mesmo Pero Vaz da Cunha, por alcunha Bisagudo, que foi a África com uma frota de 20 galés, a mando de D. João II para conversão dos bárbaros (Apud).

Vê-se assim que entre as múltiplas indicações que podem ser apontadas como conhecimento ou preciência de portugueses respeito às terras do Brasil, antes das viagens de Pinzon e de Cabral, aí fica uma que, por coincidência ou não, compreende realmente a região a que chegou a frota descobridora de Cabral.

(2) “Petrus Nonius” — publicação do grupo português de História das Ciências — vol. I — Fasc. I e II — Lisboa — 1937 — pags. 107 - 111.

(3) História da Colonização Portuguesa no Brasil — vol. II — pag. 101.

(A “Mina”, a que se refere o piloto quinhentista, é a conhecida região da costa africana, anteriormente descoberta, que forneceria, mais tarde, muitos escravos ao Brasil).

Mostra o genial Humboldt que, muito provavelmente, houve expedições portuguesas, que deixando embora conhecimentos práticos sôbre as terras visitadas, não lograram registro nos fastos das explorações geográficas.

A Vicente Yanez Pinzon, com vagas informações, a Johannes Faras, a Américo Vespúcio, a João Dias de Solis (o Bofes de Bagaço), a João de Lisboa, a João Lopes de Carvalho, a Fernão de Magalhães, a Sebastian del Cano, a Sebastiano Gabotto e a tantos outros denodados pilotos, devemos os primeiros conhecimentos da costa atlântica da América Meridional.

Ao findar o século XVI estava conhecida e representada nos mapas toda a imensa costa do contôrno da América do Sul, com singraduras de rios e anfratuosidades de baías, etc. As grandes penetrações então feitas no continente determinaram também indicações vagas dos cursos dos principais rios, nos portulanos desenhados.

O português Aleixo Garcia havia atravessado o rio Paraguai, prosseguindo terras a dentro até o alto Perú, 40 léguas para além de Tomina e Mizque (1524-25), e havia voltado ao rio Paraguai com muitas riquezas — ouro e prata — sendo assassinado por indígenas às margens desse rio. Foi êle o primeiro vulgarizador das riquezas do Alto-Perú. Foi o descobridor do Paraguai e da Bolívia e do território do nosso atual Estado de Mato Grosso. A sua gloriosa arrancada com um séquito de mais de mil pessoas (sobretudo aborígenes) merece um registro muito especial na história das penetrações na América do Sul. Sebastiano Gabotto, prosseguindo a conquista iniciada pelo português João de Solis, entrara pelo rio da Prata e pelo Paraná (1526), mas um outro português, Gonçalo da Costa, logar-tenente de Pedro de Mendonça e depois de Alvar Nunes Cabeça de Vaca, é quem mais avança pelo Paraná acima, nessa auspiciosa fase de conquista; o Orenoco tinha sido penetrado por Antônio Sedeno (1531), conquistado por Diego de Ortaz (1535-36) e devassado até suas cabeceiras por Sir Walter Raleigh (1595), o célebre favorito da Rainha Isabel da Inglaterra, pela qual conquistou a Guiana e perdeu depois a cabeça. Ao fantasioso Raleigh deve-se a primeira carta da Guiana e a legenda de um imenso lago (Parima) semelhante a um mar interior, cujas águas refletiriam os primores e riquezas da cidade de Manôa e esta ficção perdurou por mais de duzentos anos nas cartas geográficas. O São Francisco tinha sido atingido na região de suas cabeceiras e navegado em parte de seu curso pela bandeira dos 12 destemerosos penetradores capitaneados por Espinosa, à qual bandeira se incorporára o padre Aspícueta Navarro por mando de Nóbrega (1554). O Amazonas tinha sido desvendado pelo espanhol Francisco Orelana o qual, abandonando as tropas de Gonçalo Pizarro, quando seguiam o vale do Rio Napo, descera pelo rio Cusango entrando no Coca e depois no Napo e entregára-se ao sabor das correntes desse rio, seguindo após, pelo Rio Mar abaixo até sua embocadura (1541-42). Mostra o inextinguível Capistrano de Abreu (Hist. Geral do Brasil de Varnhagen — 3.<sup>a</sup> edição integral — Tomo I, nota da Secção XVI — pag. 342) que, se Diogo Nunes nasceu no Brasil, como parece, um brasileiro terá antecedido ao espanhol Orelana na visita às cabeceiras do Amazonas, pois que Diogo Nunes esteve nas terras de Machifaro em 1538, como êle próprio declarou. Parece fora de dúvida que alguns portugueses desceram o Amazonas na tropa de Orelana.

Os informes sôbre a viagem de Orelana foram propalados por êle próprio e pela bela descrição de frei Gaspar de Carvajal, tratada por Herrera e extratada em síntese por Oviedo y Valdes (*"História General y Natural de las Indias"* etc. — publicada pela "Real Academia de La História" — 1852, Tomo IV, Capítulo XXIV, pags. 541-574) e publicada

na íntegra por José Toribio Medina ("Descubrimiento del Rio de las Amazonas, segun la relacion hasta ahora inedita de Fr. Gaspar de Carvajal" — etc. Sevilha, 1894) tal como informa o erúdito Dr. R. Garcia em a nota n.º 24, pag. 190 do Tomo III da 3.ª edição integral da Hist. Geral do Brasil de Varnhagen.

Merecedora também de registo é a turbulenta e trágica expedição do general espanhol Pedro de Ursua (ou Orsua) o qual, para a obtenção de bens e do título de "Conquistador do Amazonas", prometidos pelo vice-rei do Perú D. Andrés Furtado de Mendonça, Marquês de Canete, desceu pelo Juruá, em 1560. Ursua foi assassinado pelos seus auxiliares durante a travessia, sendo chefes da rebelião Fernando de Gusmão e Lopo de Aguirre. O primeiro, substituindo o legítimo comandante, fez-se proclamar rei e conduzia sua tropa sob o regime de terror, mas foi por sua vez assassinado pelo segundo e éste, proclamando-se também rei, fez verdadeira chacina entre os seus companheiros expedicionários, levando-os com falta de mais de 200 homens até à foz do Amazonas, de onde prosseguiu para os domínios espanhóis mas, apresentando-se na ilha da Trindade, foi denunciado por seus subordinados e executado pelos moradores.

A descrição da viagem de Pedro de Ursua, feita por Diogo de Aguiar y Cordoba, aparece sob o nome "Jornada de Pedro de Ursua", na sexta das "Noticias de Tierra Firme" de Fr. Pedro Simón, que não declara o nome do seu autor (4).

Considerando o circunstancial histórico dos dois maiores rios da América do Sul, Capistrano de Abreu afirmava ser o Amazonas uma descoberta espanhola e conquista portuguesa e o Paraguai, contrariamente, uma descoberta portuguesa e conquista espanhola. Penetrações faziam-se por toda a parte, no continente Sul-Americano, das costas do Atlântico e do Pacífico para o centro. Os espanhóis, após a já referida descoberta portuguesa, atingiram a grande planície central resultante da imensa sedimentação operada no Mediterrâneo Sul-Americano, planície que permite passar-se do Prata ao mar das Antilhas sem atingir-se a cota de 160 metros (5). As Missões religiosas chegaram assim até Caracas, região antes atravessada por Aleixo Garcia, onde fundaram povoados, inclusive Santa Cruz de la Sierra.

Notáveis cartógrafos para a América do Sul, nesse obscuro século XVI revelam-se, Vaz Dourado, 1568-80 (cujas cartas constituem verdadeiras iluminuras, com muita perfeição de informes), o célebre Ortelius (companheiro de Mercator na fundação da Escola de Cartografia de "Anvers") e outros. Várias obras descritivas manuscritas constituíam precioso cabedal enviado para a metrópole, sendo das primeiras a "História da Província de Santa Cruz" de Pero Magalhães Gandavo, o "Tratado Descritivo do Brasil" de Gabriel Soares de Souza e outras. No século XVII começa a atividade pelo portulano de Luiz Teixeira, existente na "Biblioteca Nazionale de Firenze", no qual a África e a América do Sul se destacam pelo apuro do desenho em relação às regiões do Hemisfério Norte. Seguem-se as cartas de Jodocus Hondius (1602-1633) e muitas outras. Em 1612, o célebre cosmógrafo João Teixeira Albernaz apresenta uma coleção de 22 cartas da costa do Brasil, acompanhadas de texto descritivo, com dois títulos: 1.º) *Livro que dá Rezão do Brasil*; 2.º) *Rezão do Estado do Brasil no governo do Norte somête asi como o teve Dô Dioguo de Menezes e Sá té o anno 1612*.

(4) Viaje del Capitan Pedro Teixeira — aguas arriba del Río de las Amazonas — por Marcos Jimenez de la Espada — Madrid, 1889, 197.

(5) Os atlas e cartas estão em geral muito exagerados quanto a representação hipsométrica das regiões centrais da América do Sul.

Esse curioso manuscrito pertence ao arquivo do "Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro". Teixeira revelou pertinaz atividade cartográfica. Em 1627 terminou êle em Lisboa um album de 46 portulanos intitulado: "*Livro em que se mostra a Descrição de toda a costa do Estado do Brasil*", cujo original se acha na Biblioteca Nacional de Paris, e, em 1640, concluiu novo album, de 31 portulanos com a capa iluminada, intitulado: "*Descrição de todo o maritimo da Terra de Sta. Cruz chamada vulgarmente Brasil*", do qual existem algumas reproduções, já bastantes raras. Um dos originais desse trabalho estava, em 1935, em mãos de um antiquário, em Lisboa. O vasto manancial cartográfico de João Teixeira foi verdadeira faca de dois gumes na questão de limites entre o Brasil e a Guiana Francesa: utilizado pró e contra o direito do Brasil para caracterização do *verdadeiro rio Vicente Pinzon*. Nesse tempo, como ainda hoje, para muitas regiões do Brasil, o caráter informativo das cartas era muito mais importante que o da precisão geométrica. Assim, Teixeira, informado da existência de um marco assinalando o início da linha divisória na costa, entre as terras portuguesas e as espanholas, na região ao N. do Equador, figurou êsse marco tal como êle se achava, isto é, na foz e à margem direita do rio Vicente Pinzon. Omitiu, porém, infelizmente, os rios intermediários entre o dito rio Pinzon e o Amazonas, sem ministrar esclarecimentos. Isso bastou para que alguns autores imaginassem que o rio em questão — o Vicente Pinzon — não seria o atual Oiapoque, como é certo e provado, mas sim o Araguaí, ou outro, isto é, o primeiro rio de volume d'água considerável, ao Norte do Amazonas. Em 1723 o Governador e Capitão General do Maranhão, João da Maia da Gama, mandou uma expedição sob a direção do Sargento Mór Francisco de Melo Palheta, sendo comandante da tropa o Capitão João Pais do Amaral, para verificar a existência do marco. Este extraordinário testemunho histórico foi efetuado com proveito, sendo lavrado o auto respectivo. Era êsse marco, refere Melo Moraes, de mármore, tendo sido mandado colocar pelo imperador Carlos V e pelo rei de Portugal, com as armas de Portugal para o sul e as de Espanha para o lado de Norte (Carlos V reinou de 1516 a 1556).

Bastaria que tivesse ficado ratificada oficialmente a existência do marco pelos países contendores, para que a querela terminasse. Infelizmente, porém, a concludente perícia geográfica de Palheta e Pais do Amaral não teve a necessária vulgarização, o marco, afinal, desapareceu (?) e a questão arrastou-se infortunadamente por mais dois séculos, até que, sendo levada a julgamento, a explanação magistral de Rio Branco convenceu o Presidente da Confederação Helvética, que preferiu o seu luminoso laudo dando ganho de causa ao Brasil.

O mais antigo desenho sôbre o rio Amazonas é um croquis feito de cór para o Governador interino do "Estado do Maranhão", Jacome Raimundo de Noronha, e a êle entregue em S. Luiz do Maranhão a 8 de Março de 1637 pelos frades leigos André de Toledo e Domingos Garcia (6).

---

(6) Varnhagen (História Geral do Brasil, 3.<sup>a</sup> edição integral, Tomo III, pag. 136) diz que estes frades leigos eram André de Toledo e Domingo de Brieva. Isso mesmo repete o Dr. Rodolfo Garcia em nota de comentário aposta à mesma página, baseando-se em Fr. Laureano de la Cruz (Descubrimiento del rio Marañon, etc.) e em Marcos Jimenez de la Espada (Viaje del Capitão Pedro Teixeira aguas arriba del rio de las Amazonas). Entretanto, do auto que mandou fazer o governador Jacome Raimundo de Noronha, com o depoimento dos ditos frades, leigos, em 28 de Março de 1637, pelo Tabelião Frutuoso Lopes, em sua presença, estando também presente o Ouvidor Geral do Estado do Maranhão Gaspar Fagundes de Lima e o Juiz Ordinário Francisco Lobo Freire, consta, pela declaração e assinatura do próprio frade leigo, o nome Domingo Garcia e não Domingo de Brieva, segundo a cópia existente no "Arquivo Histórico Colonial de Lisboa" que adiante transcreveremos. Não é absurdo admitir-se, entretanto, a hipótese de ocorrer um erro de cópia no traslado que se encontra em Lisboa; segunda hipótese seria o caso

Acompanhando os frades leigos vieram a S. Luiz, à presença do Governador, nessa ocasião, Miguel Delgado e Luiz Alvares. Na capitania do Pará haviam ficado Francisco Cortiz (Cortez?), Francisco Garcia, Francisco Sanches e Diogo Maurício de Enojosa.

Pelo depoimento dos frades leigos apura-se que êles haviam partido, de Quito, com mais cinco companheiros, dos quais "dois de missa", com licença do seu provincial frei Pedro Bezerra, rumando para a região dos índios encabelados, a cento e sessenta léguas de Quito (entre o Napo e o Putumaio). Fundaram "San Diego de los Encabelados" (à margem do rio Napo, junto à foz do Aguarico) e ao fim de três meses de prática com os aborígenes pediram à Audiência de Quito lhes fossem enviados soldados à custa da ordem, para sua segurança e para povoamento da futura cidade. Chegados que foram 20 soldados sob o comando do capitão Juan de Palacios, ao fim de mês e meio de convivência os índios se revoltaram, matando o Capitão e outras pessoas. Houve o pânico geral, a debandada e a êles resultou mais fácil fugir rio abaixo, que remontar a corrente. O mapa (croquis) que os frades leigos apresentaram a Jacome de Noronha está reproduzido, só em negro, em tamanho reduzido, na obra "Os jesuitas no Grão Pará" — de João Lucio de Azevedo — 2.<sup>a</sup> edição. Daí o interesse da reprodução facsimilada que apresentamos agora. As notícias extraordinárias reveladas pelos frades leigos a respeito do rio Amazonas, não sómente aguçaram a curiosidade do Governador, como criaram-lhe receios de prejuízos às conquistas portuguesas *vis-a-vis* das espanholas. Portugal estava sob o domínio de Felipe IV da Espanha, mas a dominação espanhola se instalára sob a promessa formal de serem conservadas, tanto quanto possível, autoridades portuguesas em Portugal e de serem respeitadas as conquistas territoriais lusitanas. Para os bons portugueses o domínio espanhol era encarado como fase efêmera da vida do país e na América essa circunstância influiu para facilitar as aspirações de conquista. Jacome de Noronha, conhecendo o interesse da Metrópole pelo assunto, pensou em assumir pessoalmente o comando de uma grande expedição que desvendaria os mistérios da Amazônia, mas os seus auxiliares tendo em vista, entre outras causas, as invasões holandesas no Brasil, o dissuadiram desse intento e o Governador investiu Pedro Teixeira, valoroso capitão da conquista, da missão de conduzir uma expedição militar de ocupação e posse do rio Amazonas.

A grande expedição militar de Pedro Teixeira largou de Cameté mas a tropa se organizou definitivamente em Gurupá, donde partiu em 47 canôas de porte (7) em 28 de Outubro de 1637, conduzindo 70 portugueses e 1.200 índios, os quais com suas famílias e agregados, formavam cerca de 2.500 pessoas. Essa memorabilíssima expedição (como a de Aleixo Garcia), pela perícia e energia com que foi conduzida e pelas consequências sociológicas que produziu na formação do Brasil, deveria ser perpetuada no bronze e reverenciada periodicamente nas comemorações cívicas nacionais. Nela voltava Frei Domingo Garcia, como cicerone (Frei Andrés de Toledo tinha seguido para a Europa como mensageiro da grande nova e portador da carta de Jacome de Noronha encaminhando o auto do depoimento dos frades leigos).

---

de uma simplificação do nome do frade leigo, sendo tomado, diversamente um dos nomes de família de Frei Domingo em lugar de dois. Outra hipótese é haver a ocorrência de dois frades de apelido Domingo. O dito auto foi registrado no livro de registo de Provisão da Capitania do Maranhão a fls. 189 a 191, em 6 de Abril de 1637, pelo escrivão Gaspar Correia de Souza, tendo sido remetido cópia para Lisboa pelo Governador, anexa à sua carta de 29 de Maio de 1637. A questão do nome do frade leigo pode ser resolvida examinando-se o exemplar do auto remetido para a Espanha.

(7) Os autores não são concordes sobre o número de canôas, registando alguns 40 e outros 45.

O Comandante da vanguarda em quasi todo o percurso da expedição foi o Cel. Bento Rodrigues de Oliveira, fluminense, grande conhecedor das línguas brasílicas e dos hábitos indígenas.

Teixeira, depois de vencer o maior percurso, deixou a maior parte de sua gente na foz do Aguarico (no local onde foi assassinado o capitão Palácios), sob o comando do sertanista pernambucano Capitão Pedro da Costa Favela e seguiu com pequena comitiva, sempre precedido por Bento de Oliveira, até o rio Paiamino, onde viu as canoas do comandante da vanguarda, continuando depois por terra até Pupas, a meia légua de Quito, onde encontrou seu valoroso auxiliar. Tudo estava preparado e, marchando juntos até à cidade, os expedicionários foram ali festivamente recebidos. A Teixeira e aos seus auxiliares, foram prestadas grandes homenagens. Bento Rodrigues de Oliveira desenhou o mapa do Rio Amazonas em Quito, com geral agrado, de acôrdo com suas observações (8). Esse mapa e as informações de Pedro Teixeira foram enviados ao Conde de Chinchon — Vice-Rei do Perú. No regresso, iniciado a 10 de Fevereiro de 1639, vieram como cronistas da expedição frei Cristóvão da Cunha e frei André de Artieda, que deixaram notáveis manuscritos. O primeiro dêles, "Nuevo descubrimiento del gran rio de las Amazonas", pertencente hoje à "Bibliothèque Nationale de Paris", foi impresso pela primeira vez em 1641. O mapa que acompanhava o manuscrito foi desgarrado descuidadosamente, deixando fixado ao manuscrito um fragmento que hoje também já não existe. Jimenez de la Espada julga, com bons fundamentos, que esse mapa teria sido calçado no de Bento Rodrigues de Oliveira (Bento da Costa, como afirma) e apresenta uma reprodução em escala reduzida, segundo uma cópia encontrada na Biblioteca Nacional (de Madrid). A expedição chegou, de volta, a Belém, em 12 de Dezembro de 1639.

A primeira carta propriamente levantada, do rio Amazonas, parece ser a que fez, já empregando correções mediante latitudes, o jesuíta alemão Samuel Fritz em 1691. Fritz ficou preso como espião por algum tempo, quando chegou a Belém, mas já em 1707, obtinha em Quito uma gravura reduzida da sua famosa carta, a traço negro, graças à habilidade do padre Juan de Narvaez. Este trabalho foi reproduzido pela primeira vez, em menores dimensões e com alguma simplificação, na obra "Lettres Edifiantes et Curieuses" — dos missionários jesuitas (vide Tomo VIII — edição de 1810, entre as pags. 224-225) e na mesma dimensão, no Atlas de Rio Branco anexo à memória escrita para defesa dos direitos do Brasil na questão com a Guiana Francesa, 1900, carta 91 e no Atlas de Joaquim Nabuco, das memórias sobre a questão de limites com a Guiana Inglesa (Atlas accompagnant le Premier Mémoire du Brésil, 1903, carta n.º 10).

A carta original do padre Fritz, em côres, está reproduzida na mesma escala, no Atlas Rio Branco, acima citado, sob os ns. 86-a e 86-b. Coube, porém, ao talentoso e versátil astrônomo francês Charles Marie de La Condamine, fazer o primeiro levantamento do Rio Amazonas, introduzindo na carta respectiva, correções devidas também às longitudes, que determinou durante o percurso de descida do rio, em viagem de regresso para a França, após a missão que lhe foi outorgada, com Bouguer e Godin, pela "Académie", da medição de um arco de meridiano entre Cuenca e Quito.

---

(8) Alguns autores, discordando de Varnhagen, dizem que o piloto da expedição foi Bento da Costa, que teria sido o autor do mapa do Rio Amazonas, enviado ao Conde de Chinchon. O nome de Bento da Costa não aparece, porém, no auto de posse mandado fazer por Pedro Teixeira, no logar a que chamou "Fransicana" na foz do Aguarico, por ocasião da descida do rio.

A importância destas correções está em que, correndo o rio de oeste para leste, os grandes erros a temer seriam os de alongamento ou encurtamento do curso do rio, erros esses corrigíveis pelas longitudes.

A carta de La Condamine está reproduzida, em escala reduzida, na sua obra "Relation abrégée d'un voyage fait dans l'intérieur de l'Amérique Méridionale" — e em muitas outras obras.

Volvendo agora para o Sul, vemos que a primeira carta das regiões platinas é o "*Paraquaria vulgo Paraguay cum adjacentibus*", 1646 — 49 organizada pelos jesuitas do Paraguai e oferecida ao Rev. Geral da Companhia de Jesús, padre Vicente Garrafa. Está reproduzida na coleção Rio Branco "Questão de Limites Brasileira-Argentina", vol. VI, New York, 1894.

O século XVII foi para o Brasil o século das bandeiras, que deixaram roteiros escritos ou verbais, constituindo elementos indecisos ou seja, uma Geografia mais ou menos nebulosa.

Se considerarmos as distâncias vencidas nos sertões, parece que a mais notável bandeira foi a de Raposo Tavares, se é certo que partindo de S. Paulo chegou ao Pacífico e voltou pelo rio Amazonas às costas do Atlântico.

Pode-se afirmar, entretanto, que o início dos levantamentos sistemáticos do solo brasileiro decorre da execução do alvará de 18 de Novembro de 1729, pelo qual D. João V de Portugal mandava os peritos matemáticos da Companhia de Jesús, Diogo Soares e Domingos Capassi, para fazerem mapas das terras do "Estado do Brasil". O Alvará real exprime que esses serviços seriam feitos "*não só pela marinha, mas pelos sertões, com toda a distinção, para que melhor se assinalem e conheçam os distritos de cada bispado, govêrno, capitania, comarca e doação*"...

De 1730 a 1737 esses religiosos levantaram a região que se estende do centro-norte de Goiaz até o pôrto de Laguna em Santa Catarina, compreendendo terras dos atuais Estados de Goiaz, Minas, Rio de Janeiro, S. Paulo, Paraná e Santa Catarina. Nessa campanha determinaram mais de 200 latitudes.

A transcrição do Alvará de nomeação desses religiosos e a relação das latitudes, que determinaram, vêm publicadas na "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro" (Tomo XL, parte 1.<sup>a</sup>, pags. 193 a 196 e Tomo XLV, parte 1.<sup>a</sup>, pags. 125-126 e 142 a 146). Quanto às cartas então elaboradas e outros informes preciosos desse memorável ensaio geográfico, ainda permanecem inéditos nos arquivos de Lisboa.

Já se tornavam inquietantes, no começo do século XVIII, as relações entre portugueses e espanhóis no interior dos sertões da América do Sul, devido à disputa territorial. As minas de prata do "Alto Perú" como as de ouro "das Minas Gerais", "do Cuiabá" e "do Mato Grosso", despertavam cobiças de uma parte e de outra; corriam lendas sobre outras riquezas e por vezes verificavam-se, nessas paragens, incidentes devidos a invasões interesseiras ou à indiscreta espionagem. Se portugueses se aventuravam pelas províncias de Mojos e Chiquitos, território atual da Bolívia, espanhóis vinham arrebanhar índios nas nascentes do Tapajoz, em pleno sertão brasileiro. O grande Alexandre de Gusmão, Ministro de D. João V, cioso de dignidade e de justiça, querendo regularizar os interesses e manter a paz, propôs-se a estabelecer as fronteiras das terras pertencentes às duas coroas. Servindo-se de informações de algumas expedições que percorreram regiões importantes do país, dentre elas as dos jesuitas acima referidos e as da expedição ao Madeira do Sargento-mór Francisco de Melo Palheta, 1722-23, organizou o "*Mapa dos Confins do Brasil com as terras de Espanha na América Meridional — 1749*", no qual assinalou as raias das ocupações

portuguesas e espanholas e os intermédios ainda não ocupados. Esse mapa, chamado no seu tempo "Carta Concordata", mais tarde "*Mapa das Côrtes*" — é a primeira carta oficial do Brasil.

O original encontra-se na "Bibliothèque Nationale de Paris" — provavelmente levado de Portugal por Etienne Geoffroy de Saint Hilaire, a quem coube, durante a invasão de Junot, a ingrata tarefa de arrebanhar manancial documentário dos arquivos e museus portugueses.

O Mapa das Côrtes (exemplar de Paris) está reproduzido na coletânea Rio Branco da "Questão de Limites Brasileira-Argentina (vol. VI, cartas 7-A, 8-A e 9-A) e na coletânea Nabuco da questão de limites com a Guiana Inglesa — (Atlas accompagnant le Premier Memoire du Brésil — Carte n.º 18). Ainda recentemente o Dr. Roberto Simonsen reproduziu essa carta da coletânea Rio Branco, acima referida (só em negro, e em tamanho reduzido), na sua bela obra "História Econômica do Brasil — 1500 -1820" — Tomo II.

O proveto diretor da Biblioteca Nacional adquiriu recentemente um exemplar desse mapa que parece ser o original duplicata feito para os plenipotenciários espanhóis daquela época. Esse mapa está admiravelmente bem reproduzido no vol. LII dos "Anais da Biblioteca Nacional" 1938 — que forma, com o volume LIII, um conjunto precioso da divulgação sobre o tratado de 1750, muito bem apoiado na coleção Varnhagen, de Simancas, publicação essa que honra a Biblioteca Nacional e o Ministério da Educação.

Alexandre de Gusmão queixou-se da falta de dados quando teve de se haver para a nobre tarefa a que se propôs, mas apesar disso êle foi apontado, mais tarde, por um dos maiores mestres da história da Geografia do reino de Portugal, como "a pessoa que estava mais ao corrente dos negócios de Roma e do Brasil, donde era natural" (9).

Outros autores citam o seu nome entre os das maiores celebrações do Reino de Portugal.

Pode dizer-se que Alexandre de Gusmão foi o primeiro estatuário, ou melhor o primeiro grande técnico artífice da estereotomia, que haveria de destacar da massa ainda comum e informe das nações sul-americanas, o monolito no qual se facetaria e esculpiria, a partir de 1822, a forma territorial da Nação Brasileira. Na realidade, o seu "Mapa dos confins do Brasil com as terras da Corôa de Espanha na América Meridional", feito para o tratado de limites que se firmaria em 13-I-1750, o articulado, que compôs para o dito tratado de limites e as instruções e notas, que expediu, como Secretário de Estado de D. João V, a respeito do dito tratado, são expressões fiéis da consciência geográfica do continente e do direito congênito ou "*uti-possidetis*", coeficientes êsses universalmente aceitos na América do Sul, coeficientes que perdurariam até a definição das lindes mais ou menos alteradas, estabelecidas de "motu proprio" em nossos dias, entre nações livres, cientes e fraternalmente concientes.

Praticamente falando, o seu continuador foi o Marquês de Pombal, que o substituiu no Ministério em 1750, quando, pela morte de D. João V, subiu ao trono o rei D. José.

Alexandre de Gusmão terminava sua vida (faleceu no último dia do ano de 1753) e Pombal começava o seu fastígio, rumo ao apogeu.

Entre as produções de maior valor, devidas à pena de Alexandre de Gusmão, depois que deixou o Ministério, conta-se a resposta magistral que deu ao Brigadeiro Antônio Pedro de Vasconcelos, que comandara durante 18 anos a Colônia do Sacramento e se insurgira contra a cessão

(9) Santarém — Quadro Elementar, vol. VI, pag. 43 (citando o Conde de Bachi, embaixador de França), in Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, vol. LII, 1938. Explicações — pelo Dr. Rodolfo Garcia, pag. 8.

dessa Colônia aos espanhóis. Nessa carta, datada de Lisboa, 8 de Setembro de 1751 e assinada Philatethex (10) prova o autor a alta sabedoria política dos limites concertados, que, com serem muito vantajosos para o Brasil, não o eram menos para a colônia espanhola e para a futura paz e prosperidade do Continente.

Alí mostra êle o erro proposital de Fernão de Magalhães, então piloto ao serviço de Castela, feito para usurpar as ilhas Molucas contra o direito de Portugal.

O exame do tratado de limites de Madrid de 1750, pela sua importância e pelas indeclináveis minudências que contém, não cabe nas linhas gerais dêste artigo. Trataremos sómente das suas contingências geográficas.

Muitos foram os tratados complementares concertados para inteligência do acôrdo básico.

A grande expedição da qual foi cronista José Gonçalves da Fonseca, despachada em 1749 para explorar o rio Madeira, o Mamoré e o Guaporé, levava como piloto Antônio Nunes que fez o levantamento dêsses rios, determinando muitas latitudes e era comandada pelo Sargento-mór Luiz Fagundes Machado. Só voltou ao Pará ao fim de 1751 ou princípio de 1752. Coube a Pombal aproveitar-se dos bons resultados dessa expedição (4 relações escritas e a grande carta de Madeira e do Guaporé, trabalho que em parte ainda está inédito). Pombal também tirou partido da Carta organizada pelo Governador do Pará, Francisco Pedro de Mendonça Gorjão, redigindo adendos ao tratado, depois de melhor informado sôbre as realidades do terreno.

Em carta de 10 de Maio de 1753 remetia êle êsses trabalhos a Francisco Xavier de Mendonça Furtado, então Governador Geral do "Estado do Maranhão" e ao mesmo tempo lhe comunicava sua nomeação para primeiro e principal comissário das demarcações do Mato Grosso, para execução do tratado de 1750. O tratado adicional (assinado em Portugal em 24, VI, 1752) traçou normas para os comissários encarregados de dirigir e executar as demarcações pela parte septentrional do Brasil.

A Côte de Espanha havia nomeado seu primeiro comissário o chefe de esquadra D. José Iturriaga, e Portugal investia nessa função o Governador do Estado do Maranhão, como vimos acima. Pela parte do sul já estavam nomeados, em obediência ao tratado de instruções de 17-I-1751, o governador e Capitão General do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, Gomes Freire de Andrada, primeiro e principal comissário por parte de S. Majestade Fidelíssima e D. Gaspar Munive Léon Gabarito Telo y Espinosa, Marquês de Val de Lirios, primeiro e principal comissário, por parte de S. Majestade Católica.

Cada uma das grandes divisões deveria organizar três tropas ou partidas de limites, para execução do tratado.

A Divisão Meridional ficou assim partilhada:

- 1.<sup>a</sup>) — de Castilhos Grande à foz do Ibicuí,
- 2.<sup>a</sup>) — da foz do Ibicuí ao Salto Grande do Paraná,
- 3.<sup>a</sup>) — do Salto Grande do Paraná à foz do Jaurú.

Apesar das dificuldades próprias ao início de tão vultuosos trabalhos, é bem apreciável a obra de Gomes Freire e dos seus auxiliares.

Dentre os mais prestimosos destes, destaca-se o sargento-mór José Custódio de Sá e Faria — 1.<sup>o</sup> Comissário da 3.<sup>a</sup> Partida (que alcançaria mais tarde o posto de Brigadeiro), a quem coube a glória de pre-

(10) Coleção de vários escritos inéditos políticos e literários de Alexandre de Gusmão, etc. J. M. T. de C. — Pôrto, 1841, pags. 147-213.

sidir, por parte de Portugal, em 15 de Janeiro de 1754, a cerimônia do assentamento do marco de limites, na foz do rio Jaurú. Esse marco, tornado desnecessário pela modificação posterior da fronteira, orna hoje a praça central da cidade de S. Luiz de Cáceres.

Como resultado das investigações geográficas dessa época, além dos mapas das partidas de limites e dos diários, há os itinerários por terra ou pelos rios, etc., tudo digno de maior exame e maior vulgarização do que os procedidos até agora. O mapa da 2.<sup>a</sup> partida de limites (desenhado no povoado indígena de S. Nicolau das Missões), ficou apenso ao diário respectivo (1759-1760) e está reproduzido na Coletânea Rio Branco da questão de limites com a Argentina (carta 12 - A); o itinerário de S. Paulo à Praça de Nossa Senhora dos Prazeres do Iga-temí, feito por José Custódio de Sá e Faria, em 1774, pode ser examinado pela redução (com algumas modificações) que apresentou o Barão Homem de Melo na "Revista do Instituto Histórico e Geográfico", tomo XXXIX.

Um manuscrito pertencente ao então Conde de Lavradio, contendo o "Diário" das demarcações, foi publicado em 1837 pela Academia das Ciências de Lisboa, constituindo o tomo VII da "Coleção de Noticias para a História das Nações Ultramarinas". Ele está comentado pela pena austera do Dr. Felipe Folque, que atualiza o cálculo das observações astronômicas para aquela época e critica a má redação do "Diário", como a falta de notícias sobre a história natural. Recentemente (1938) o infatigável Dr. Rodolfo Garcia, graças à ação diligente e patriótica do historiador Dr. Aurélio Pôrto, publicou vasta documentação sobre a Divisão Meridional (Anais da Biblioteca Nacional — volumes LII e LIII), reproduzindo os documentos da coleção Varnhagen existentes no Ministério do Exterior, oriundos do Arquivo de Simancas, pela pertinência do diplomata e grande historiador Varnhagen.

Há muito, porém, ainda a publicar sobre a Divisão Meridional do Tratado de 1750.

Quanto à divisão septentrional, menos conhecida, foi menor a produção. Mendonça Furtado instalara-se no Arraial de Mariná, no Rio Negro, onde durante cinco anos esperou os delegados espanhóis.

Do itinerário entre Belém e Mariná resultaram 17 latitudes diversas determinadas pelos astrônomos Padre Inácio Semartoni e Dr. João Angelo Bruneli.

Pelo eclipse da lua ocorrido em 12-X-1753 e de alguns satélites de Júpiter, foi determinada a longitude do Pará.

Os astrônomos Dr. João Bruneli e o astrônomo auxiliar Domingos Sambuceti no Pará e Henrique Wilckens na Vila de S. José de Macapá, observando o eclipse da lua em 1-X-1754, determinaram a diferença de longitudes existentes entre esses logares, achando-a igual a 2° e 24'. E ainda, por uma mácula observada no eclipse da lua em 27-III-1755, estando Domingos Sambuceti no Pará e Henrique Wilckens em Mariná, foi encontrada a diferença de longitudes igual a 14° 15', Mariná a oeste do Pará.

Muitos levantamentos de rios foram efetuados e, mesmo depois de anulado o tratado de 1750, os trabalhos prosseguiram e em tal forma que as últimas cartas construídas terminaram, a bem dizer, na véspera da assinatura do novo tratado, o Preliminar, ou de Santo Ildefonso, de 1777.

E' o caso do mapa do rio Branco, levantado por Felipe Sturm em 1775 e por êle desenhado nesse mesmo ano (2 mapas) e o do mapa organizado por Gronsfeld em 1776, tendo por base o mapa anterior, todos reproduzidos no Atlas da questão com a Guiana Inglesa elaborado por Joaquim Nabuco.

Alguns profissionais fizeram as duas campanhas (a de 1750 e a de 1777) como é o caso de João Pereira Caldas, que vindo como tenente de artilharia, com exercício de engenheiro, para a execução do tratado de 1750, permaneceu sempre em trabalhos nos sertões e chegou ao posto de Coronel Governador e Capitão General da Capitania do Rio Negro e Comissário Principal de limites para a execução do tratado de 1777.

Pode admitir-se, pois, que para as contingências geográficas, existe uma única grande campanha de demarcação, evoluindo no século XVIII, de 1751 até ao final do século, a qual constituiu o período áureo da geografia colonial.

A segunda fase, a do tratado de 1777, foi, evidentemente, mais importante que a primeira, sobretudo para a parte septentrional. Podem ser citados, do lado do sul, o brigadeiro Sebastião Xavier da Veiga Cabral e o Coronel Francisco João Roscio, do lado português, e D. José Varela e D. Diogo de Alvear, do lado espanhol. Na região do Paraguai, o intemerato espanhol D. Felix de Azara assinalou-se por brilhantes trabalhos descritivos e cartográficos, tendo embora que lutar contra o descaço em que o teve o govêrno da Metrópole, fato que, infelizmente, não está fora de compreensão em nossos dias. (V. Voyages, dans l'Amérique Méridionale par Don Felix de Azara, commissaire et commandant des limites espagnoles dans le Paraguay, depuis 1781 jusqu'en 1801 etc. Paris 1809 — 4 v., in 8.<sup>o</sup> e um atlas; v. "Essais sur l'Histoire Naturelle de la Province du Paraguay", par. . . etc. Paris An IX (1801) 2 v. in 8.<sup>o</sup>); Geografia Fisica y Esferica de las Provincias del Paraguay y Misiones Guaranies — 1790. Bibliografia, prologo y anotaciones por Rodolfo R. Schuler — 1904 — Montevideo — in 4.<sup>o</sup> — etc.

O mais notável espanhol, nessa fase da campanha do lado septentrional, foi o próprio primeiro comissário D. Francisco Requena y Errea, capitão de infantaria com exercício de engenheiro, Governador político e Militar e Comandante Geral das Províncias de Maynas, Quijos e Maías; do lado português sobresaem João Pereira Caldas e Manoel da Gama Lobo d'Almada, seu auxiliar e depois substituto, quando já no posto de Coronel, ambos respectivamente Comissários da 4.<sup>a</sup> partida, que surgiu como desenvolvimento da primitiva divisão de limites; Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, Capitão de infantaria, Governador e Capitão General de Mato Grosso, que foi Comissário da 3.<sup>a</sup> partida (um alongamento para N. O. da 3.<sup>a</sup> partida do Tratado de Madrid). A Luiz de Albuquerque devem-se iniciativas de extraordinário descortino para assentamento da fronteira conforme as aspirações naturais do Brasil.

Ele foi inegalável no zêlo, na competência e ardor com que se dedicou à obra de exploração e incentivação do progresso nos confins ocidentais do Brasil. Foi o principal agente da consolidação da obra de conquista do Oeste Brasileiro.

O seu mais brilhante auxiliar foi Ricardo Franco de Almeida Serra, que veio para o Brasil como capitão de infantaria com exercício de engenheiro, foi devotadíssimo operador e chefe de turma de levantamento desde as cabeceiras septentrionais dos afluentes da margem esquerda do Amazonas, depois pelo Madeira, Mamoré, Guaporé e contra-vertentes do Sul, até os pantanais do Taquarí, rio Negro, Aquidauana na bacia do rio Paraguai. Sob sua direção trabalhou muitas vezes o astrônomo Silva Pontes, autor da "Carta da Nova Lusitania", adiante citada. A Ricardo Franco devem-se inúmeras descrições, plantas topográficas e cartas geográficas, que resumem escrupulosamente os conhecimentos da época. Ele foi um grande colecionador de documentos geográficos e históricos. Em 1801, como Tenente-coronel, defendeu gloriosamente o Forte

de Coimbra. Faleceu em 1809 como Coronel e seus restos mortais jazem na Igreja de Santo Antônio da cidade de Mato Grosso.

Muito copiosa e importante foi a produção dos técnicos das 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> partidas de limites do tratado preliminar de 1777.

Muito pouca coisa foi impressa, entretanto, desse riquíssimo manancial. Sua importância não é somente histórica, definindo a gênese de questões que chegaram até nós (muitas das quais, aparentemente resolvidas, deixaram fogo sob as cinzas da calmaria); êsse material também tem validade geográfica atual, já pela exatidão das observações astronômicas então feitas, para determinação de coordenadas geográficas, que em muitos casos ainda são as únicas utilizáveis em tais regiões, já pelos próprios levantamentos e pelos informes elucidativos que oferece.

Da "Viagem Filosófica" do grande naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, contemporâneo desses trabalhos e colaborador accidental — cognominado o Humboldt brasileiro — só está divulgada a parte de texto e esta mesma incompleta (11).

Vale isso dizer, que o imenso material cartográfico e iconográfico dessa época jáz desconhecido do público, apesar de constituir uma glória para a técnica e para a administração portuguesa desse tempo, para as quais muito contribuíram alguns brasileiros natos. Houvesse continuidade nos estudos relativos às ciências geográficas, houvesse ao menos permanecido uma repartição civil ou militar centralizadora, e então, ao em vez da dispersão em que se encontram êsses originais preciosos, síntese de estudos, atestados de extraordinária dedicação, estariam êles incorporados ao patrimônio científico nacional em larga vulgarização, atuando para tornar claras e coêrentes as interpretações do passado e insuflando, para as sinergias do futuro, o civismo das novas gerações.

Êsses serviços tiveram em geral organização militar.

Não somente os comissários gerais de limites vinham com a graduação de capitães generais, como os chefes de turmas ou brigadas de campo, eram quasi sempre militares e os colaboradores civís que se distinguíam, acabavam recebendo patentes de oficiais de terra ou de mar.

Muitas cartas gerais do Brasil e cartas de capitánias, isoladas ou em conjunto, organizaram-se nesse auspicioso século XVIII. Quasi todas e assim os estudos parcelados, permanecem inéditos. A última delas, por certo a mais notável, que fecha brilhantemente a atividade desse século, só está parcialmente divulgada: E' a "Carta Geográfica de Projeção Esférica Ortogonal da Nova Lusitania" — organizada pelo capitão de fragata Antônio Pires da Silva Pontes Leme, nascido em Minas Gerais, que foi um dos astrônomos da 4.<sup>a</sup> e depois da 3.<sup>a</sup> partida de limites para execução do tratado de Sto. Idefonso. Essa carta foi cuidadosamente organizada e desenhada no edifício do Jardim das Plantas de Lisboa. Para sua confecção aproveitou-se Silva Pontes das coordenadas geográficas existentes, muitas das quais por êle determinadas, e de 86 cartas do "Depósito da Secretária de Estado da Marinha"; ficou concluída em 1798. O original mais perfeito desse belo trabalho acha-se na mapoteca do Estado-Maior do Exército, que é uma das mais ricas do Brasil.

---

(11) O erudito escritor Virgílio Correia Filho, acaba de publicar, na coleção "Brasiliana", da "Biblioteca Pedagógica Brasileira", Série 5.a, vol. 144, um valioso ensaio: "Alexandre Rodrigues Ferreira — vida e obra do grande naturalista brasileiro" — trabalho êsse que constitui excelente contribuição civico-científica. A importância do assunto, como preito de justiça, como história das Ciências e como expressão de amor próprio e culto civico-nacional é tão grande que, a nosso ver, é indispensável que uma comissão oficial de investigadores e especialistas promova a publicação integral das obras de Alexandre Rodrigues Ferreira, existentes no Brasil e em Portugal.

## RESUMÉ — RESUMEN — RIASSUNTO — SUMMARY — ZUSAMMENFASSUNG — RESUMO

Le Colonel Jaguaribe de Mattos, Chef du Service Cartographique de la Mission RONDON, commence une étude de l'histoire de la géographie du Brésil, énumérant sur le présent chapitre les expéditions, ainsi que les travaux géographiques et cartographiques entrepris dans le pays pendant la période coloniale.

L'auteur estime que la première exploration géographique fût l'inspection de 10 lieues marines faite sur la côte en direction du nord (24 avril 1500), par la flotte de Pedro Alves Cabral, le navigateur Portugais qui découvrit le Brésil en 1500.

Il cite les explorations faites dans l'intérieur du pays en remontant les principaux fleuves, mettant en relief: la pénétration sur le fleuve Paraguay par Aleixo Garcia (1524), qui le premier atteignit la région de l'Etat actuel de Matto Grosso; l'avance de Gonçalo da Costa par le fleuve Paraná; la conquête de la Guyane anglaise par Sir Walter Raleigh (1595), lequel élabora la première carte de la Guyane; la pénétration sur la fleuve S. Francisco par la caravane dirigée par Espinosa (1554); la traversée du fleuve Amazone par l'espagnol Francisco de Orelana (1541).

Il commente également les premières cartes qui apparurent sur le Brésil: les enluminures de Vaz Dourado (1570); les cartes du fameux Ortelius, compagnon de Mercator lors de la fondation de l'École de cartographie d'Anvers; la collection de 22 cartes de la côte du Brésil par le célèbre João Teixeira Albernaz (1612), qui présenta plus tard, un album de 46 portulans (1627), ainsi qu'un autre de 31 portulans (1640); le plus ancien tracé du fleuve Amazone présenté au Gouverneur du Maranhão, Jacome Raymundo de Noronha, par les religieux (frères) André de Toledo et Domingos Garcia (1637), dont l'expédition par le fleuve Amazone est relatée en détail par l'auteur; la carte du fleuve Amazone faite par Bento Rodrigues de Oliveira, Commandant de l'avant-garde de la fameuse expédition militaire de Pedro Teixeira (1637); la carte du fleuve Amazone du jésuite allemand Samuel Fritz (1691), considérée la première carte obtenue avec échelles; la carte du fleuve Amazone du talentueux astronome français Charles Marie de la Condamine, chargé par l'Académie des Sciences Française de procéder à la mesure de l'arc du méridien entre Cuenca et Quito.

L'auteur affirme, en outre, que le commencement des levées systématiques du sol brésilien eût lieu par autorisation Royale (Loi) du 18 de novembre 1729, par laquelle D. João V, roi du Portugal, envoya les experts mathématiciens jésuites Diogo Soares et Domingos Capassi faire les cartes des terres du Brésil, lesquels levèrent la région centrale du pays, comprenant certaines régions des Etats actuels de Goyaz, Minas Geraes, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná et Santa Catharina.

Les questions de frontières entre les Domaines sud-américains du Portugal et de l'Espagne, à partir du XVIIIème siècle, commencèrent à exiger des démonstrations géographiques, ainsi: le grand Alexandre de Gusmão, ministre de D. João V, organisa en 1749 la "carte des confins du Brésil avec les possessions de l'Espagne en Amérique Méridionale", appelée aussi "Carte concordat" ou "Carte des Cours", laquelle est la première carte officielle du Brésil; les traités de limites de 1750 (Madrid) et 1752 (Lisbonne -addenda) tracèrent les règles pour la démarcation des frontières, dont les travaux furent distribués pour deux Divisions — la septentrionale et la méridionale — (lesquelles se subdivisaient, à leur tour, en parts) et intensifiées de telle sorte qu'ils constituèrent — rent la période d'or de la géographie coloniale.

Enfin, l'auteur détache les travaux de Division des frontières: l'action de Gomes Freire de Andrada et José Custodio de Sá e Faria, pour la Division méridionale; la conquête de l'ouest brésilien développée par Luiz de Albuquerque de Mello Pereira et Carceres, pour la Division Septentrionale.

El Coronel Jaguaribe de Mattos, Jefe de Cartografía de la Comisión Rondon empieza un estudio de historia de geografía del Brasil, enumerando en el presente capítulo las expediciones y trabajos geograficos y cartograficos hechos en el país durante su periodo colonial.

Considera como primera exploracion geografica, la inspección de 10 leguas de costa, hecha en dirección al Norte (24 Abril de 1500) por la flota de Pedro Alvares Cabral, el navegador portugués que descubrió el Brasil en el año de 1500.

Cita exploraciones hechas en el interior del país en dirección de los rios principales, distinguiendose: la penetración en el rio Paraguay por Aleixo Garcia (1524), quien primero alcanzó la región del actual Estado de Matto Grosso; el avance de Gonçalo da Costa por el rio Paraná; La conquista de la Guyana Inglesa por Sir Walter Raleigh (1595) el cual elaboró la primera carta de la Guyana; la penetración en el rio São Francisco por la caravana dirigida por Espinosa (1554); la travesía del rio Amazonas por el espanol Francisco de Orelana (1541).

Comenta las primeras cartas que aparecieron sobre el Brasil; las estampas iluminadas de Vaz Dourado (1570); las cartas del famoso Ortelius companero de Mercator en la fundación de la Escuela de Cartografía de Antuerpia; la colección de 22 cartas de la costa del Brasil por el celebre cosmografo João Teixeira Albernaz (1612) quien, más tarde, presentó un album con 46 portulanos (1627) y otro album con 31 portulanos (1640); el más antiguo dibujo del rio Amazonas presentado ao Gobernador del Maranhão Jacome Raymundo de Noronha, por los Sacerdotes Legos André de Toledo y Domingos Garcia (1637); cuya expedición por el rio Amazonas el Autor detalla; el mapa del rio Amazonas hecho por Bento Rodrigues de Oliveira, comandante de la Vanguardia de la famosa expedición militar de Pedro Teixeira (1637); la carta del rio Amazonas del jesuita Samuel Fritz (1691) considerada la primera carta obtenida con mediciones; la carta del rio Amazonas del talentoso astrónomo francés Charles Marie de La Condamine, encargado por la Academia de Ciencias de Francia a proceder á la medición del arco del meridiano entre Cuenca y Quito.

El Autor afirma que el inicio de los levantamientos sistematicos del suelo brasilero dióse con la ley de 18 de Noviembre de 1729, por la cual D. João V, rey de Portugal, mandó que los peritos matematicos jesuitas Diogo Soares y Domingos Capassi hicieran mapas de las tierras del Brasil, quienes levantarán la región central del país, comprendiendo tierras de los actuales Estados de Goyaz, Minas Geraes, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná y Santa Catharina.

Las cuestiones de fronteras entre los dominios sud-americanos de Portugal y Espana, después del siglo XVIII, empezaran a exigir demonstraciones geograficas, así: el grande Alexandre de Gusmão, Ministro de D. João V, organizó en 1749 el "Mapa de los confines del Brasil con las tierras de Espana en la America Meridional" tambien llamado "Mapa Concordata" ó "Mapa de las Cortes", el cual es la primera carta geografica oficial del Brasil; los tratados de limites de 1750 (Madrid) y 1752 (Lisboa-adendos) trazaran normas para la demarcación de la frontera cuyos trabajos fueran distribuidos por dos divisiones — la septentrional y la meridional (las cuales, en su turno, se subdividian en particiones) y de tal modo intensificados que constituyeran el periodo aureo de la Geografía colonial.

El Autor distingue en los trabajos de las Divisiones de fronteras: la acción de Gomes Freire de Andrade y José Custodio de Sá e Faria, en la División Meridional; la conquista del oeste brasileno desarrollada por Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Carceres, en la División Septentrional.

Il Colonnello Jaguaribe de Mattos, Capo della Cartografia della Commissione Rondon, inizia uno studio della storia della Geografia del Brasile, enumerando nel presente capitolo le spedizioni ed i lavori geografici e cartografici svoltisi nel paese durante il suo periodo coloniale.

Egli considera come prima esplorazione geografica la ispezione di dieci leghe della costa, fatta in direzione al Nord (24 aprile 1500) dalla flotta di Pedro Alvares Cabral, il navigatore portoghese che scoprì il Brasile nel 1500.

Cita le esplorazioni eseguite nell'interno del Paese nella direzione dei principali fiumi, mettendo in rilievo: quella pel fiume Paraguai di Aleixo Garcia (1524), che fu il primo a raggiungere la regione dell'attuale Stato di Mato Grosso; quella di Gonçalo da Costa pel fiume Paraná; la conquista della Guiana Inglese compiuta da Sir Walter Raleigh (1595), che elaborò la prima carta della Guiana; la penetrazione pel fiume S. rancisco della carovana capitanata da Espinosa (1554); l'attraversata del fiume Amazonas compiuta dallo spagnolo Francisco de Orellana (1541).

Commenta le prime carte che apparvero: le miniate da Vaz Dourado (1570); quelle del famoso Ortelius, compagno di Mercator nella fondazione della Scuola di Cartografia di Anversa; la collezione di 22 carte della costa del Brasile del celebre cosmografo Giovanni Teixeira Albernaz (1612), che più tardi presentò un album con 31 portolani (1640); il più antico disegno del fiume Amazonas, presentato al Governatore del Maranhão, Jacome Raymundo de Noronha, dai padri laici André de Toledo e Domingos Garcia (1637), la di cui spedizione pel detto fiume l'autore descrive dettagliatamente: il mappa del Fiume Amazonas di Bento Rodrigues de Oliveira, comandante della avanguardia della famosa spedizione militare di Pedro Teixeira (1637); la carta del fiume Amazonas del gesuita tedesco Samuel Fritz (1691), considerata la prima carta ottenuta con misurazioni; la carta del fiume Amazonas dello illustre astronomo francese Charles Marie de la Condamine, incaricato dall'Accademia di Scienze di Francia della misurazione del meridiano tra Cuenca e Quito.

L'autore afferma che il principio dei rilievi sistematici del suolo brasiliano si ebbe con l'"alvará" (legge) del 18 novembre 1729, col quale D. Giovanni V°, re di Portogallo, mandò i periti matematici, gesuiti Diogo Soares e Domenico Capassi a far le mappe delle terre del Brasile, i quali rilevarono la regione centrale del paese corrispondenti ai territori degli attuali Stati del Goiaz, di Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

Le questioni di confini tra i domini sud-americani del Portogallo e quelli della Spagna, a cominciare dal secolo XVIII, cominciarono ad esigere dimostrazioni geografiche, così: il grande Alessandro de Gusmão, ministro di D. Giovanni V°, organizzò nel 1749 il "Mapa dei confini del Brasile con le terre di Spagna nell'America Meridionale", chiamato anche il "Mapa concordato" o "Mapa das Cortes", che è la prima carta geografica ufficiale del Brasile; i trattati di confini del 1750 (Madrid) e del 1752 (Lisbona-aggiunte) tracciarono norme per la demarcazione delle frontiere ed i relativi lavori furono distribuiti in due Divisioni — la settentrionale e la meridionale (e queste poi si risuddivisero) e furono condotti con tale intensità che costituirono il periodo aureo della Geografia coloniale.

L'autore tra i lavori delle Divisioni di Frontiere mette in rilievo: l'opera di Gomes Freire de Andrada e di José Custodia de Sá e Faria nella Divisione Meridionale; la conquista dell'Ovest Brasiliano svolta da Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Carceres nella Divisione Settentrionale.

Colonel Jaguaribe de Mattos, Chief of the Cartography of the Rondon Commission, opens a study of History and Geography of Brazil, enumerating in the present chapter the expeditions and geographic and cartographic works developed in the country during its colonial period.

He considers as the first geographic exploration, the 10 leagues of coast line survey performed northwards (April 24, 1500) by the fleet of Pedro Alvares Cabral, the Portuguese navigator who discovered Brazil in 1500.

He quotes explorations carried out in the interior of the country towards the main streams, of which stand out: the penetration into the Paraguay River by Aleixo Garcia (1524), who was the first to reach the region of the actual State of Mato Grosso; the advance of Gonçalo da Costa by the Paraná River; the conquest of the British Guiana by Sir Walter Raleigh (1595), who elaborated the first chart of Guiana; the penetration into the São Francisco River by the caravan leaded by Espinosa (1554); the voyage up the Amazon River by the Spaniard Francisco de Orellana (1541).

He comments on the first charts appeared on Brazil: the illuminated charts of Vaz Dourado (1570); the charts of the famous Ortelius, companion of Mercator in the founding of the School of Cartography of Anvers; the set of 22 charts of the coast of Brazil by the celebrated cosmographer João Teixeira Albernaz (1612), who, later on, presented an album with 46 portolanos (1627) and another one with 31 portulanos (1640); the oldest drawing of the Amazon River presented to the Governador of Maranhão, Jacome Raymundo de Noronha, by the lay brothers André de Toledo and Domingos Garcia (1637), whose expedition through the Amazon River the author gives in detail; the German Jesuit, Samuel Fritz's map of the Amazon River (1691), considered as the first chart drawn to scale; the chart of the Amazon River by the talented French astronomer Charles Marie de La Condamine, whom the Academy of Sciences of France entrusted the measuring of the meridian arc between Cuenca and Quito.

The author holds that the beginning of the systematic surveys of the Brazilian soil took place with the Charter of November 18, 1729, whereby King John V of Portugal, ordered maps to be drawn by the expert mathematicians the Jesuits Diogo Soares and Domingos Capassi, who surveyed the central region of the country comprising lands of the actual States of Goiaz, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná and Santa Catarina.

The frontier questions between the South American dominions of Portugal and Spain, since the eighteenth century began to require geographic demonstrations. The great Alexandre de Gusmão, minister of D. João V, organized in 1749 the "Map of the confines of Brazil with the lands of Spain in Meridional America", also called "Concordat map" or "Map of the Courts" which is the first official geographic chart of Brazil; the treaties of limits of 1750 (Madrid) and 1752 (Lisbon-addenda) which fixed the routine for demarcating the frontiers, the activities of which were distributed into two Divisions — the Northern and the Southern — (these in their turn were subdivided into partitions) and they were so intensified that they have constituted the golden era of the colonial geography.

In the work of the Divisions of Frontiers, the author points out the action of Gomes Freire de Andrada and José Custódio de Sá e Faria, in the Southern Division; the conquest of the Brazilian West accomplished by Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Carceres, in the Northern Division.

Obert Jaguaribe de Mattos, der Leiter der Kartenaufnahmeabteilung der "Comissão Rondon", beginnt eine geschichtliche Untersuchung der Geographie Brasiliens, indem er im vorliegenden Kapitel die Expeditionen, geographischen und kartographischen Arbeiten ausführt, welche während der Kolonialzeit im Lande durchgeführt wurden.

Er bezeichnet als erstes geographischen Unternehmen die Besichtigung von 10 Meilen längs der Küste, die von der Flotte des Pedro Alvares Cabral, dem portugiesischen Seefahrer, welcher Brasilien im Jahre 1500 entdeckt hat, nach Norden zu vorgenommen wurde (24. April 1500).

Er erwähnt Forschungsunternehmungen welche im Innern, dem Laufe der Flusses folgend, ausgeführt worden sind, wobei die folgenden besonders hervorgehoben werden: das Vordringen laengs des Paraguayflusses von Aleixo Garcia (1524), welcher zuerst die Gegend des heutigen Staates Mato Grosso erreichte; der Zug des Gonçalo da Costa laengs des Paraná-flusses; die Eroberung von Britisch-Guyana durch Sir Walter Railegh (1595), der die erste karte von Guyana ausarbeitete; das Vordringen am São Francisco des von Espinosa angeführten Zuges (1554); die Ueberquerung des Amazonenstromes durch den Spanier Francisco de Orelana (1541).

Er bespricht die ersten Karten, welche von Brasilien erschienen sind; die Farbdrucke von Vaz Dourado (1570); die Karten des berühmten Ortelius, des Gefährten Mercators bei der Gruendung der Kartographenschule in Antwerpen; die Sammlung von 22 Karten der Kueste Brasiliens von dem berühmten Kosmographen João Teixeira Albernaz (1612), welcher spaeter eine Sammlung von 46 See- und Hafenkarten (1627) und eine andere von 31 ebensolcher Karten (1640) herausbrachte; die aelteste zeichnerische Darstellung des Amazonenstromes, welche dem Gouverneur von Maranhão, Jacome Raimundo de Noronha, von den Laiensbruedern André de Toledo und Domingos Garcia ueberreicht wurde (1637), und deren Expedition auf dem Amazonasstrom der Verfasser eingehend schildert; die von Bento Rodrigues de Oliveira, dem Fuehrer der Vorhut der berühmten Militaerexpedition des Pedro Teixeira, ausgeführte Karte des Amazonenstromes (1637); die Karte des Amazonenstromes des deutschen Jesuiten Samuel Fritz (1691), die als die erste auf Grund von Vermessungen gewonnene Karte angesprochen wird; die Karte des Amazonenstromes des begabten franzoesischen Astronomen Charles Marie de la Condamine, der von der Wissenschaftlichen Akademie Frankreichs beauftragt war, den Meridianbogen zwischen Cuenca und Quito zu vermessen.

Der Verfasser behauptet, dass man als Beginn der systematischen Landvermessungen in Brasilien die Veroeffentlichung des Gesetzes vom 18. November 1792 bezeichnen kann, durch welches D. João V., Koerig von Portugal, mathematische Fachleute, den Jesuiten Diogo Soares und Domingos Capassi den Auftrag erteilte, Landkarten von Brasilien anzufertigen; diese nahmen dabei das Zentralgebiet des Landes und zwar Landstelle der heutigen Staaten Goyaz, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná und Santa Catharina auf.

Fragen der Grenzziehung zwischen den suedamerikanischen Besitzungen Portugals und Spaniens erforderten vom Beginn des XVIII. Jahrhunderts an geographische Belege; dies fuehrte dazu, dass der grosse Alexandre de Gusmão, Minister D. João V., im Jahre 1749 die "Karten der Grenzen Brasiliens und der Spanien gehoerenden Gebiete in Suedamerika" anfertigen liess; diese Karte wurde auch Konkordats-karte oder Hofkarte genannt und ist die erste amtliche Karte Brasiliens; die Grenzvertraege von 1750 (Madrid) und von 1752 (Lissabon) stellten Normen auf, die bei der Grenzziehung beachtet werden sollten, welche Arbeit zwei Abteilungen uebertragen wird — einer noerdlichen und einer suedlichen (welche ihrerseits Unterabteilungen hatten) — und die so nachdruecklich betrieben wurden, dass sie als die Bluetzeit der kolonialen Geographie zu bezeichnen sind.

Der Verfasser hebt bei den Grenzziehungsarbeiten folgende Namen hervor: Gomes Freire de Andrada und José Custodio de Sá e Faria im Sueden; die Erfassung des brasilianischen Westens durch Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Carceres, im Rahmen der Arbeiten der noerdlichen Abteilung.

Kolonelo Jaguaribe de Mattos, cêfo de la Kartografio de l'Komisiono Rondon, ekstudas la historion de la Brazila Geografio, laŭvice elnomante en la nuna ĉapitro la geografiajn kaj kartografiajn ekspediciojn kaj laborojn efektiviĝintajn en Brazilo dum la kolonia periodo.

Li konsideras kiel unuan geografian esploron la inspektadon de 10 trimejloj de la marbordo, faritan direkte al la Nordo (24 aprilo 1.500) de la ŝiparo de Pedro Alvares Cabral, la portugala navigaciinto, kiu eltrovis Brazilon en 1500.

Li citas esploradojn faritajn en la interno de la lando direkte al la ĉefaj riveroj, el kiuj elstarigas la jenaj: la penetrado en la riveron Paragvajo farita de Aleixo Garcia (1524), unua atinginto de la regiono de la nuna Ŝtato Mato Grosso; la antaŭenirado de Gonçalo da Costa tra la rivero Paraná; la konkero de Angla Gujano farita de Sir Walter Railegh (1595, kiu ellaboris la unuan karton de Gujano; la penetrado en la riveron S. Francisko de la karavano direktita de Espinosa (1554); la traveturo tra rivero Amazono farita de la hispano Francisko de Orelana (1541).

Li komentarias la unuajn kartojn, kiuj aperis pri Brazilo, nome: la ilustraĵojn de Vaz Dourado (1570): la kartojn de la fama Ortelius, kurulo de Mercator ĉe la fondo de la Kartografia Lernejo de Antverpeno: la kolekton de 22 kartoj de la brazila marbordo faritan de la fama kosmografiisto João Teixeira Albernaz (1612), kiu, pli poste, prezentis albumon kun 46 haveblaj kartoj (1627) kaj alian kun 31 havenlibroj (1640); la plej antikvan desegnon de rivero Amazono prezentitan al la reganto de Maranhão, Jacome Raimundo Noronha, de la laikaj pastroj André de Toledo kaj Domingos Garcia (1637), kies ekspedicion tra rivero Amazono la aŭtoro detalias; la geografian karton de rivero Amazono farita de Bento Rodrigues de Oliveira, komandanto de la antaŭgvardio de la fama milita ekspedicio de Pedro Teixeira (1637), la karto de rivero Amazono verkita de la germana jezuito Samuel Fritz (1691), kiu estas konsiderata la unua karto havigita per mezurado; la karton de rivero Amazono de la talenta franca astronomo Charles Marie de la Condamine, komisiita de la Scienca Akademio de Francujo por mezuri la meridianan arkon inter Cuenca kaj Quito.

La aŭtoro certigas, ke la komenco de la sistemaj kartverkadoj de la brazila tero okazis post la leĝo de la 18a de novembro de 1729, per kiu D. Johano V, reĝo de Portugalujo, sendis la matematikajn spertulojn jezuitojn Diogo Soares kaj Domingos Capassi por verki geografiajn kartojn de la brazilaj teroj, kiuj kartoverkis la centran regionon de la lando konsistantan el teroj de la nunaj Ŝtatoj Goiaz, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná kaj Santa Catarina. La diskutoj pri landlimoj inter la sudamerikaj teritorioj de Portugalujo kaj Hispanujo, de post la jarcento dekoka, komencis postuli geografiajn elpruvojn. Tial la granda Aleksandro de Gusmão, ministro de D. Johano V, organizis en 1749 la "Geografian karton de la limoj de Brazilo kun hispanaj teroj en Sudameriko", ankaŭ nomata "Mapa concordata" au "Mapo de la Kortegoj", kiu estas la unua oficiala karto de Brazilo; la limtraktatoj de 1750 (Madrid) kaj 1752 (Lisbono-adendos) skizis normojn por la fiksado de landlimo, kies laboroj estis disdividitaj je du divizioj — la norda kaj la suda — (kiuj, siavice, subdividiĝas laŭ partoj) kaj tiamaniere intensigitaj, ke ili konsistigis la oran periodon de la kolonia Geografio.

La aŭtoro reliefigas en la laboroj de la limaj Divizioj: la agon de Gomes Freire de Andrada kaj José Custódio de Sá e Faria, ĉe la Suda Divizio; la konkeron de la brazila okcidento vaste preparolitan de Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Carceres, ĉe la Norda Divizio.

---